

Sou um "sorna", afirma, com um sorriso nos lábios. E um "ronha" também. Esta atitude auto-irónica marca a actual relação de Luís Cília com a sua actividade como músico e a sua forma descontraída de estar no mundo. "Sorna" provavelmente porque vive num mundo - a sua casa, em Lisboa - onde se respira tranquilidade, submerso entre discos, livros e quadros, sempre acompanhado pelo seu simpático bulldog, o Gustavo Rosa. "Ronha" porque trabalha num ritmo muito próprio, longe do stress, sem se importar muito com o êxito ou a edição discográfica do seu trabalho.

Para Luís Cília, o que conta é mesmo a música, o trabalho de manipular sons, de conjugar temas e melodias. Um trabalho meticuloso - de "sorna" -, que faz em casa, no pequeno estúdio instalado perto de uma varanda onde tem uma vista soberba da cidade.

Aliás, o seu olhar brilha com nova intensidade sempre que se fala de música: da que ouve, de Brecht e Kurt Weill aos contemporâneos, do rock às bandas sonoras, e da que compõe, embora neste caso o brilho surja camuflado por uma modestia natural, de quem nunca pretendeu "pôr-se em bicos de pés"...

O seu último disco, *Bailados*, data de 1994, obra de compilação de diversos temas que compôs - ou adaptou - para companhias de dança. Mas, apesar da falta de visibilidade pública - do quase anonimato - do seu trabalho, Luís Cília não tem estado parado. Antes pelo contrário: é dela toda a música de uma das mais elogiadas campanhas de publicidade dos últimos tempos, a da *Optimus*. *Faço pouca publicidade. Faz parte da vida profissional. Tive muito prazer em participar nessa campanha porque penso que tem qualidade*, afirma Luís Cília à TV Guia.

Bandas sonoras

É também dele a música do telefilme *Monsanto* que a SIC transmitiu esta terça-feira, dia 15. *Quando fui contactado pelo Rui Guerra fiquei extremamente honrado. Ele faz parte da minha mitologia cinematográfica através de um filme como "Os Fuzis"*.

Depois do convite surgiu o trabalho: *Ele deu-me uma cassette com o filme, sem música. O argumento está muito bem escrito. Disse-lhe que o filme tinha de ter uma música que "está lá sem estar". Que seja um suporte forte mas não agressivo*.

A música que ouvimos foi com-

Em tempos empunhou a guitarra e, como baladeiro, cantou nos combates por um mundo mais justo. Agora arrumou a "seis cordas" e é no computador que compõe músicas para bailado, teatro e cinema. A banda sonora do telefilme "Monsanto" é o seu mais recente trabalho

Luís Cília

Arquitecto de sons

pletamente fabricada por Luís Cília em casa. Adepto das novas tecnologias, o compositor utiliza-as para conceber novos sons: *Uma das vantagens destas tecnologias é que não se tem de contratar uma orquestra e fazer um produto que é aquilo ou não é nada. Agora podemos alterar o produto à medida das necessidades, das conversas que vou tendo com o realizador*.

E desta forma que Cília está a preparar o seu novo trabalho, outra

banda sonora, desta vez para o filme *Camarate*, de Luís Filipe Rocha. O músico já leu o argumento e essa é a sua base de trabalho para a construção do edifício sonoro que pretende construir para o filme.

A utilização das novas tecnologias não é nova da parte de Luís Cília que sempre manifestou grande interesse na descoberta de novas formas de equacionar a música. *Mesmo na canção, nos últimos discos que fiz, já havia uma com-*

ponente electrónica. As novas tecnologias sempre me interessaram. Quando estudei composição em França já me interessava por elas. Simplesmente hoje está tudo mais evoluído, afirma.

Guitarra na luta

Mas antes dos computadores e dos sons sintéticos, Cília utilizou a guitarra acústica como arma na sua intervenção musical. Nascido no Huambo, Angola, há 57 anos, veio para Portugal estudar. Interessou-se pela música e começou a cantar rock. Em 1964 exilou-se em Paris para escapar à guerra colonial. Nesse ano gravou o seu primeiro disco (16 temas numa só tarde), *Portugal/Angola. Chants de Lutte*, editado pela famosa editora francesa Chants du Monde. Aliás, Cília foi o único português a gravar para essa editora. Compôs então um tema que ficou célebre: *Azante Camarada*, o hino oficial do Partido Comunista Português.

Influenciado por George Bransens e Leo Ferré, fez da cantiga uma arma, como outros artistas portugueses que lutaram por um mundo melhor: *Honro-me muito de pertencer a esse grupo de cantores, como o Sérgio Godinho, o Zé-Mário, o Fausto que marcaram uma determinada época*.

De regresso a Portugal continuou a intervir, talvez de uma forma menos directa que os seus camaradas de guitarra. Deu voz à poesia portuguesa musicando poemas de Eugénio de Andrade, Fernando Pessoa, José Gomes Ferreira, David Mourão-Ferreira, José Saramago.

Em 1986 começou a mudar de rumo, com a edição de *A Regra do Fogo*, o seu primeiro disco electrónico e instrumental. *Digamos que para o género de canção que eu fazia - musicar poetas - o mercado em Portugal era bastante reduzido. Comecei a ter encomendas para músicas de bailado. Foi uma opção natural, comecei a ter menos tempo para me dedicar à canção*. ■

